

RIDENTI, MARCELO. *BRASILIDADE* REVOLUCIONÁRIA. SÃO PAULO: EDUNESP, 2010

por Jordana de Souza Santos¹

Marcelo Ridenti inicia seu livro com a preocupação em definir o significado do termo brasilidade. Em sentido corrente, brasilidade é a “propriedade distintiva do brasileiro e do Brasil, fruto de certo imaginário da nacionalidade próprio de um país de dimensões continentais” (p. 9). Com base no sentido e no significado da palavra, o autor discorre em cinco capítulos sobre a característica revolucionária do povo brasileiro, pensada e sentida pela intelectualidade, pelos militantes de esquerda e pelos movimentos sociais e culturais brasileiros, identificando que – a partir dos anos 1930 – o sentimento de brasilidade se desenvolveu no pensamento social brasileiro e que, após o processo de democratização na década de 1980, este mesmo sentimento refluuiu.

Para tratar do aparecimento desta “estrutura de sentimento” que é a brasilidade, o autor começa sua análise a partir do pensamento do intelectual imigrante Everardo Dias, líder anarquista, que depois se converteu ao comunismo e que atuou no movimento operário em São Paulo nos anos 1920. O pensamento social brasileiro deste período era marcado pela preocupação com a situação do povo, da nação, dos trabalhadores cujas vozes eram os intelectuais marginalizados do mundo dos bacharéis, como Astrojildo Pereira e o próprio Everardo Dias. A sensação de que era preciso pensar e constituir a identidade do povo brasileiro seria o principal motor do pensamento social brasileiro desde os princípios da República e que nos anos 1920, com a fundação do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e a organização insurgente do movimento operário, direcionou suas preocupações para a condição dos trabalhadores. Entre 1920 e o final da década de 1930, os intelectuais brasileiros transitaram entre o anarquismo, o positivismo, o tenentismo e o comunismo, dando contornos diversos à brasilidade revolucionária.

Já nos anos 1950, em pleno contexto da Guerra Fria, a brasilidade revolucionária aparecia vinculada às perspectivas dos comunistas do PCB que tinham muita influência nos movimentos artísticos e culturais. Esta ligação com os ideais comunistas foi fortalecida pelo imaginário da época que acreditava que o mundo estava caminhando para o socialismo, principalmente após a Revolução Chinesa de 1949, e que por isso, para muitos críticos da ordem, integrar-se ao PCB era o único caminho. O autor ainda destaca que o grande número de artistas presentes no PCB se dava devido ao prestígio e ao sentimento de pertencer a uma comunidade que se imaginava na vanguarda da revolução mundial, além da garantia de emprego com a internacionalização cultural. Embora houvesse muitas críticas por parte de artistas e intelectuais ao PCB com respeito à instrumentalização política, acreditava-se que estes e outros problemas seriam superados no processo da revolução brasileira.

¹ Mestre em Ciências Sociais (UNESP-Marília).

Analisando alguns movimentos culturais como o CPC (Centro Popular de Cultura), o Cinema Novo e o Teatro de Arena que atuaram nos anos 1960, Marcelo Ridenti afirma que a arte veiculada por estes movimentos – dos quais muitos artistas e intelectuais eram do PCB ou compartilhavam com suas ideias – foi marcada pela chamada arte política que pregava uma arte revolucionária, que trataria da vida do povo almejando educá-lo politicamente. Valorizava-se o nacional e o popular na tentativa de se pensar e fazer a cultura genuinamente brasileira. O autor, ao referir-se às influências dos comunistas na música, no cinema e no teatro, explicita que os artistas e intelectuais comunistas foram agentes fundamentais da chamada brasilidade revolucionária.

Ridenti demonstra que nos anos 1960 a brasilidade revolucionária expressava a mudança na sociedade vista ao longe pelos militantes de esquerda e que seria alcançada pela revolução. Neste ponto, o autor traça algumas reflexões próximas às ideias de sua tese, presente no livro *Em busca do povo brasileiro*.² Diz respeito ao ideal romântico-revolucionário de buscar no passado as bases para construir o futuro, isto é, a valorização do homem do campo e das condições primeiras do desenvolvimento do capitalismo no Brasil como algo que despertaria o ardor revolucionário. A construção de um homem novo que tem como modelo o homem simples do campo incluía um processo de conscientização política que colocava o povo como agente no processo revolucionário. Este romantismo revolucionário estabelecia uma associação entre a brasilidade revolucionária e os ideais da Revolução Cubana de 1959, que colocava o homem do campo como principal agente revolucionário, exaltando a guerrilha rural como o marco inicial da revolução para a América Latina.

Com relação ao romantismo revolucionário – ao analisar o cinema brasileiro – o autor identifica que a estrutura de sentimento que norteou a produção cinematográfica a partir do final da década de 1950 foi a problemática dos nordestinos e do terceiro-mundismo. O rural foi marcante no Cinema Novo em sua primeira fase e, no pós-1964, seriam os dramas urbanos que ocupariam as telas do cinema. A violência revolucionária também estaria presente no imaginário dos cinemanovistas, como Glauber Rocha, que no manifesto *Estética da Fome* (1965) demonstrava influências do célebre livro *Os condenados da terra* (1961), do argelino Franz Fanon. O filme *Os Fuzis* (1963), de Ruy Guerra, pode ser considerado uma antevisão do que viria a ser a esquerda armada.

Não era somente no cinema que a brasilidade aparecia. A canção popular também exaltava as raízes populares, as desigualdades sociais, fazia referências ao sertão, tornando-se canções engajadas que significavam uma forma de protesto social. Um dos movimentos musicais mais famosos dos anos 1960 foi o tropicalismo de Gilberto Gil e Caetano Veloso. As canções dos tropicalistas conservavam os conteúdos de protesto social e somavam a eles uma linguagem musical diversa da linguagem tradicional. O tropicalismo inseriu na música brasileira o som estridente das guitarras do rock norte-americano, modificando a linguagem musical, tornando-a mais agressiva e marcante. Esta perturbação no modo de se fazer música era proposital e representava também uma forma particular de protesto.

Ainda no plano artístico e cultural, a brasilidade revolucionária sofreria mudanças com a consolidação da indústria cultural que englobaria os artistas críticos do cinema, da música e do teatro que deixavam o aspecto revolucionário a fim de se estabelecer na nova

² Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

ordem. Muitos desses artistas, como aponta Ridenti, entraram para o mundo do *show business* e alavancaram emissoras de televisão (cujo maior exemplo é a Rede Globo) e gravadoras que recorriam à mão-de-obra capacitada no âmbito da cultura e das artes majoritariamente de esquerda. Isto comprova que a própria indústria cultural se beneficiava da produção artística de esquerda, pois havia um público de classe média ávido por produtos culturais de contestação ao regime militar. O domínio da indústria cultural sobre a arte e a cultura fez com que a ligação do artista com o público se desse através da mediação pelo mercado. Uma preocupação corrente entre os artistas de esquerda era a aproximação com seu público, com a realidade cotidiana dos temas que eram tratados. O CPC e o Teatro de Arena – através das apresentações nas ruas – buscavam atingir toda a população, pois as pessoas que tinham condições de ir ao teatro e que o freqüentavam regularmente eram provenientes das camadas médias. As pessoas mais pobres não tinham acesso aos bens culturais. Com o advento da indústria cultural o trabalho do artista entrar em contato direto com o público perdeu seu lugar. Além do que, a brasilidade revolucionária, característica de um florescimento cultural historicamente inédito, como afirma Ridenti, foi se perdendo no final dos anos 1960. O autor cita um exemplo bastante claro de como a estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária foi duramente atingida pela indústria cultural que inverteu – e o faz até hoje – o seu ideal. A canção *Soy loco por ti, América* de Gilberto Gil e Capinam, gravada nos anos 1960 por Caetano Veloso, fazia referências ao guerrilheiro argentino Che Guevara, exaltando a revolução e o continente latino-americano. Em 2005, a mesma canção foi regravada pela cantora Ivete Sangalo para o tema de abertura de uma novela que retratava a realidade dos imigrantes que se arriscavam para entrar ilegalmente nos EUA em busca de uma vida melhor, de um sonho. Nesta regravação, desambientada de seu contexto original, a canção perdeu seu verdadeiro sentido, os que a ouvem mal sabem que se trata de uma homenagem a Che Guevara. A América Latina, antes tomada como referência, cede lugar à América do Norte, sonho de consumo para os latino-americanos.

Com a promulgação do AI-5 em 1968, além da intensificação da repressão, consolidou-se a ordem autoritária e conservadora que conduziria o país ao crescimento econômico, aceito pela ampla maioria da população, demonstrando que levar adiante o processo revolucionário seria ainda mais difícil. A luta armada tida como a única forma de luta possível perante a repressão intensa pós-1968 e que almejava realizar a revolução através da luta guerrilheira na cidade e no campo também se esgotara enquanto modelo revolucionário, ao ponto de mobilizar a esquerda no início dos anos 1970 num processo de revisão das suas formas de luta até então. A brasilidade revolucionária seria afetada não apenas pela indústria cultural, mas pelo contexto político e social dos anos 1970.

Marcelo Ridenti analisa o novo cenário em que repousaria a brasilidade revolucionária através da leitura crítica do livro de Marshall Berman *Tudo o que é sólido desmancha no ar* publicado no Brasil em 1986 pela editora Companhia das Letras. O insucesso da luta armada e do ideal de revolução socialista criaram terreno para uma nova militância que teria respaldo no PT (Partido dos Trabalhadores). Nos anos 1980, a figura do partido vanguardista, do intelectual militante e do seu papel de educador das massas receberia duras críticas. O movimento dos trabalhadores parecia conseguir “caminhar com as próprias pernas”, sem necessitar de nenhum apoio intelectual ou partidário. Começava a prevalecer o intelectual de carreira que ocuparia o cargo de professor universitário e não estaria mais nas fileiras do partido como intelectual orgânico.

O livro de Berman chega ao Brasil em meio ao contexto de desmobilização pelo qual passava os movimentos sociais no final dos anos 1970, pois muitas das suas reivindicações, antes negadas, passavam a ser reconhecidas. A democracia instaurada em 1985 atenderia estas reivindicações exterminando qualquer razão para uma maior mobilização. Conforme expressa Ridenti, o cenário político dos anos 1980 impunha a renovação dos parâmetros de esquerda, a revalorização da democracia, da individualidade, das lutas das minorias e pelas liberdades civis etc. Assim, a leitura que Berman fez do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, que tanto atraiu os militantes de esquerda perdidos no meio do caminho, desiludidos com os velhos ideais e – ao mesmo tempo, não conseguindo se encontrar frente a tantas mudanças – foi a do “eu” moderno que propugnava o autodesenvolvimento ilimitado do indivíduo na modernidade.

Esta leitura do *Manifesto* poderia gerar interpretações tanto libertárias quanto liberais do livro de Berman. Para Berman, no *Manifesto* há uma tensão entre a visão “sólida” e a visão “diluidora”, ou seja, no capitalismo os grandes mercados se solidificam e destroem os mercados locais. A concorrência selvagem e o amplo avanço tecnológico em busca de maior produtividade fazem com que o capitalismo revolucione constantemente os meios de produção, solidificando o poderio dos capitalistas e a ruína daqueles que não conseguiram acompanhar este processo. Nestes termos, Berman afirma que esta condição de competitividade e de criação ilimitada de novas forças produtivas gera um ativismo burguês que direciona este desenvolvimento ilimitado para a produção cultural e econômica, conduzindo a humanidade para a mudança permanente, para a renovação e sublevação constante do modo de vida pessoal e social. Isto significa que não existe mais a revolução, a ordem capitalista não deve ser derrubada, devemos nos adaptar a ela como indivíduos modernos que somos. Mesmo porque, de acordo com Berman, as crises de superprodução de mercadorias e as demais crises – às quais o capitalismo estaria constantemente sujeito – fariam com que a solidez da ordem capitalista se desmanchasse no ar naturalmente, sem precisar que uma classe social tentasse tomar o poder. Entretanto, Berman coloca que as crises do sistema capitalista, ao contrário do que pensavam Marx e Engels, são forças de resistência que levam os indivíduos a se adaptarem e a aceitarem a mudança permanente como o desenvolvimento ininterrupto da humanidade.

As considerações sobre o livro de Marshall Berman compõem o último capítulo do livro de Marcelo Ridenti. Pode-se dizer que o autor seguiu uma linha histórica não-cronológica para formular e pensar a brasilidade revolucionária. Os elementos inovadores que constam neste livro estão presentes no primeiro e no último capítulo, visto que os demais tratam da brasilidade revolucionária entre os anos 1950 e 1960, conteúdo já desenvolvido pelo autor em outras obras como *O fantasma da revolução brasileira*³ e *Em busca do povo brasileiro*, aqui já citado. Ainda que o autor não tenha utilizado nestes livros o termo brasilidade revolucionária, podemos encontrar uma maior descrição sobre as propostas dos movimentos culturais e políticos dos anos 1960 que culminaram na definição e na constituição da estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária.

Importa deixar claro, nesta resenha, que Marcelo Ridenti ilustra de forma sensível e inovadora a brasilidade revolucionária presente nos projetos políticos revolucionários de partidos de esquerda atuantes dos anos 1920 em diante. A brasilidade revolucionária percorreu

³ A segunda edição, revista e ampliada, foi publicada em 2010, pela Editora da Unesp.

um caminho, passando pelo ideal de revolução nacional-democrática, socialista e pela democracia. Hoje, a brasilidade revolucionária encontra-se dispersa e enfraquecida diante do desenvolvimento das ideias pós-modernas que nos conduzem à inércia e à neutralidade política.

